
Editorial

COM este número nas mãos, dou comigo a pensar duas coisas distintas e contraditórias: por um lado, como é bom conseguir com um intervalo apenas de três meses editar mais uns CADERNOS; por outro lado, que pena que o conteúdo ainda não corresponda a uma temática única.

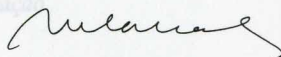
Vamos cumprindo as secções previstas e o conjunto, embora variado por imposição, tem a capacidade de nos prender. Os colegas começam a responder à chamada e, por iniciativa própria, submetem-nos trabalhos. E como eu previra, é de falta de prática de escrever que se trata. Dos aspectos históricos e eruditos, às questões mais práticas relacionadas com a introdução das novas tecnologias da informação, a dinâmica é patente.

Mantemos a opção de incluir em cada número uma colaboração estrangeira porque é fundamental não fecharmos a porta aos contactos internacionais ficando a par das preocupações existentes noutros fusos. Muitas das vezes serão assuntos quase novidade para a maioria dos nossos profissionais, mas o objetivo é mesmo esse: despertar a atenção para outros horizontes, introduzir novas linhas de pensamento e, quem sabe de trabalho.

Uma secção ainda absolutamente omissa a pedir uma atenção especial é aquela que as resenhas críticas ou os pequenos apontamentos podem abrir. Sobre um livro, um artigo técnico ou uma polémica. Uma notícia breve sobre um trabalho, uma rápida bibliografia sobre um tema pertinente. Nada nos impede e nos CADERNOS, menos formais, não significa falta de qualidade.

De facto, as cartas de encorajamento que recebemos são disso prova. Profissionalismo e tristeza não são sinónimos, mas para continuarmos a melhorar também precisamos das vossas achegas e sugestões. Sobretudo com alegria e confiança.

O próximo número sairá antes do Natal e será maioritariamente ocupado com textos e artigos sobre preservação e conservação. Deixo-vos o convite: se o tema vos agrada, até finais de Setembro aceitam-se colaborações. Abriremos assim uma nova senda e talvez daí partam alvítores para o Congresso que se aproxima.



(Maria Luísa Cabral)

OM este número nas mãos de quem não consegue pensar duas coisas distintas e contraditórias por um lado, como é bom conseguir com um intervalo apenas de três meses, e por outro lado, que o conteúdo ainda não corresponde a uma temática única.

Vamos cumprindo as secções previstas e o conjunto, embora variado por im- posição, tem a capacidade de nos prender. Os colegas começam a responder à chamada e, por iniciativa própria, aparecem nos trabalhos. E como eu previa, é de falta de prática de escrever que se trata. Dos aspectos históricos e etno- los, as questões mais práticas relacionadas com a introdução das novas tecnolo- gias da informação, a dinâmica e balanceamento de redes de computadores.

Mantemos a opção de incluir em cada número uma colaboração estrangeira porque é fundamental não fecharmos a porta aos contactos internacionais fi- cando a par das produções existentes noutros países. Muitas das vezes serão assuntos quase novidade para a maioria dos nossos profissionais, mas o objec- tivo é mesmo esse: despertar a atenção para outros horizontes, introduzir novas linhas de pensamento e quem sabe de trabalho.

Uma secção ainda absolutamente omissa a pedir uma atenção especial é aquela que as recensões críticas ou os pedidos espontâneos podem abrir. Sobre um livro, um artigo técnico ou uma polémica. Uma notícia preve sobre um trabalho, uma rápida bibliografia sobre um tema pertinente. Nada nos impede e nos CABERNET, menos formais, não significa falta de du- lidade.

De facto, as cartas de encorajamento que recebemos são disso prova. Profis- sionalismo e tristeza não são sinónimos, mas para continuarmos a melhorar também precisamos das vossas achegas e sugestões. Sobre tudo com alegria e confiança.